

RIO: DESEJO DE UMA CIDADE | 1904-2024

O RIO COMO PROTAGONISTA

Com obras de artistas de diferentes gerações e vertentes, exposição na Casa Roberto Marinho é uma ode à cidade. Fotografias e pinturas narram as complexidades e a diversidade cultural da capital fluminense nos últimos 120 anos

Luiz Baltar, *Instantes Cruzados*, 2017





Cristina Canale, *Jardim de Pedras*, 1993

Foto: Divulgação

“Há um lugar para ser feliz, além de abril em Paris, outono, outono no Rio”, diz a canção *Outono no Rio*, de Ed Motta. E são esses os versos que dão as boas-vindas aos visitantes no hall de entrada da Casa Roberto Marinho, por onde correm as águas do Rio Carioca. Eles revelam o tom da mostra inédita *Rio: desejo de uma cidade | 1904-2024*, exposição que exhibe a grandeza do Rio de Janeiro para além dos “cartões postais”.

Sob a curadoria de Lauro Cavalcanti, Marcia Mello e Victor Burton, com consultoria do executivo Jorge Nóbrega (ex-presidente do Grupo Globo), do colecionador Luiz Chrysostomo e do arquiteto Pedro Mendes da Rocha, a mostra – que será inaugurada no dia 11 de maio – é uma ode à capital do Rio de Janeiro e antecipa as celebrações de seus 460 anos de fundação. No período da exibição, até 21 de julho, não haverá cobrança de ingresso aos sábados e domingos (às quartas-feiras, a entrada permanecerá gratuita).

Partindo da data de nascimento do jornalista e empresário Roberto Marinho (1904-2003), que faria 120 anos em 2024, a coletiva exhibe 139 peças e outras 46 obras ampliadas e plotadas nas paredes do instituto. São fotografias e pinturas de 75 artistas brasileiros e estrangeiros que abordaram o Rio em seus trabalhos. Há



Renan Cepeda, *Perfil do Rio visto do Parque da Cidade*, 2006

também desenhos, esculturas, vídeos, maquetes, peças de design, cartazes e publicações apresentados em oito núcleos expositivos – “Corpo”, “Morar”, “Festejar”, “Concentrar”, “Aeroporto”, “Projetar”, “Construir” e “Lembrar” – que expressam a complexidade e a diversidade cultural da Cidade Maravilhosa.

Para Lauro Cavalcanti, diretor do instituto no Cosme Velho, “o Rio é também constituído por ‘cariocas’ das mais diversas origens que, compartilhando o desejo de uma cidade, vêm formando a cultura desta complexa metrópole estabelecida num dos lugares mais belos do planeta. Criamos salas para a arquitetura, o design, as tradições e a literatura aqui produzidos, considerando que o Rio é uma cidade-personagem em que natureza e cultura são indissociáveis. A música igualmente tem relevância em vários momentos da mostra”.

“A exposição pontua muitos aspectos de um lugar em permanente transformação. É um passeio no tempo, valorizando passagens que nos pareceram relevantes para entender os dias de hoje”, comenta Marcia Mello, que tem a fotografia como área de conhecimento. *“Evitamos os ‘cartões postais’ e trouxemos trabalhos que exaltam, ao mesmo tempo em que tensionam, a beleza carioca”*.

Na primeira sala está a pintura *Jardim de pedras* (1993), de Cristina Canale, diante da fotografia *Perfil do Rio visto do Parque da Cidade* (2006), de Renan Cepeda, acompanhada de uma citação de Quintana: “Os túneis são meus lugares favoritos no Rio. Neles posso descansar de tanta beleza.” (Mário Quintana)

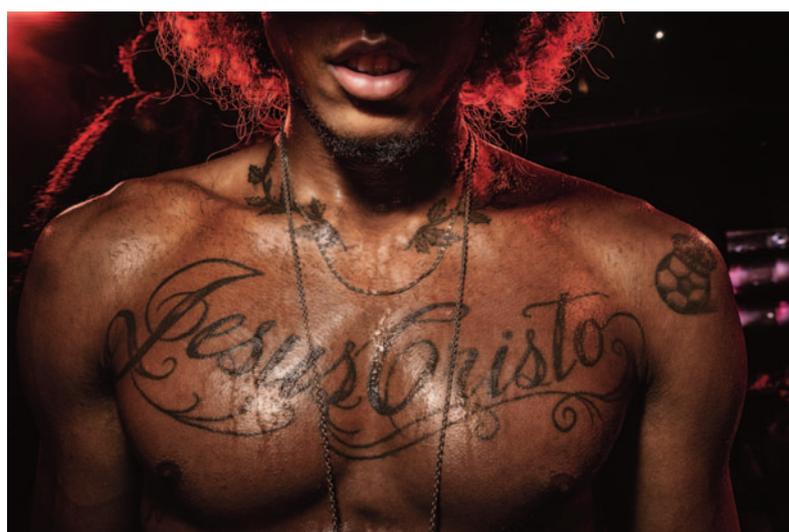
Obedecendo ao arco temporal proposto, a história desse território é narrada por meio de imagens e personagens. Como o padroeiro São Sebastião, que aparece na segunda sala, na pintura de Glauco Rodrigues, de 1983, exibida em diálogo com a escultura em ferro *Ofá de Oxóssi* (2024), do artista pernambucano Diogum. “É um aceno para o sincretismo constitutivo das práticas religiosas brasileiras”, pontua Lauro.

Toda entremeada por textos informativos, a mostra revela curiosidades históricas ao público. Em 1512, chegaram à cidade os primeiros portugueses que, acreditando ser a Baía de Guanabara o estuário de um curso de água doce, chamaram-na de “Ria”, designação geográfica para tais lugares. Desse modo, o primeiro nome do local foi uma conjugação do verbo rir.

Na área expositiva, fotografias de Alair Gomes, Anna Kahn, Cristiano Mascaro, Custódio Coimbra, José Medeiros, Leonardo Aversa, Marc Ferrez, Pierre Verger, Renan Cepeda e Vincent Rosenblatt, entre outros, são apresentadas em diálogo com trabalhos de artistas de diferentes gerações e vertentes, como Allan Weber, Carlito Carvalhosa, Carlos Vergara, Di Cavalcanti, Djanira, Ismael Nery, Jarbas Lopes,



Custódio Coimbra, *Jujuba*, S.d.



Vincent Rosenblatt, *Ezequias – Funk Body*

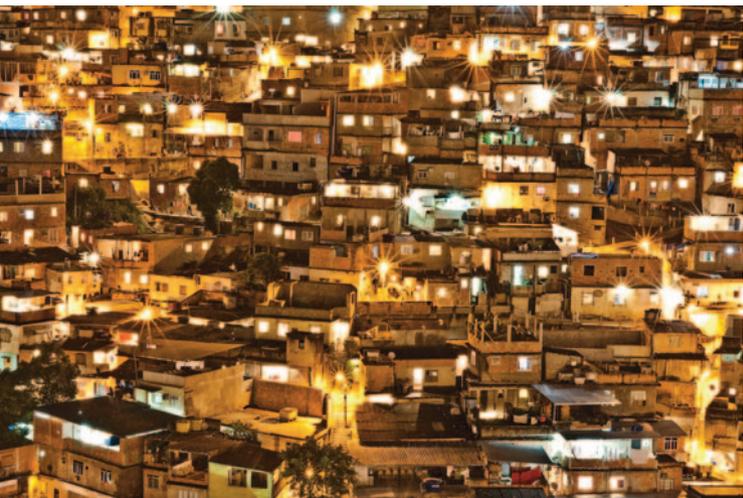


Djanira da Motta e Silva, *Casa de farinha*, 1974

Foto: Divulgação



Antonio Bandeira, tríptico *Panorama*, 1962-1964
Foto: Divulgação



Monara Barreto, *Luzes do Alemão*, 2011



Ratão Diniz, *Sem título*, 2013

J. Carlos, Luiz Alphonsus, Rivane Neuenschwander e Tarsila do Amaral.

Explorando relações plásticas não hierarquizadas, o óleo sobre tela *Panorama* (1962-1964), de Antonio Bandeira, é ladeado por duas fotografias contemporâneas de Monara Barreto e Ratão Diniz, jovens ligados à Escola de Fotógrafos Populares (EFP) criada há cerca de 20 anos no Complexo da Maré, Zona Norte do Rio.

De acordo com Marcia, há trabalhos na exposição que fazem referência a uma produção histórica, com apropriações de fotografias consagradas: *“Joelington Rios e Luiz Baltar incorporam imagens icônicas de Marc Ferrez e Augusto Malta, respectivamente, do início do século 20, e as reinterpretam atualizando conceitos e temas sensíveis”*, revela a curadora.

A exposição contempla, ainda, uma sala exclusivamente dedicada à produção do compositor e pintor carioca Heitor dos Prazeres (1898-1966), que retratou como poucos o cotidiano do Rio, com cinco telas que pertencem ao acervo da Casa.

Sobre as peças de design gráfico em exibição, Victor Burton comenta: *“Privilegiamos ícones indiscutíveis que caracterizaram expressões de grande qualidade na história visual e cultural da cidade, como o trabalho do designer Aloísio Magalhães e a criação da Esdi, primeira escola de desenho industrial do Brasil. Selecionamos também algumas das melhores capas de discos brasileiros realizados pela gravadora Elenco, entre os anos 1950 e 1960, além*



Anna Kahn, *Leite de rosas, São Miguel Arcanjo, plumas e paetês*, 2009

de exemplares da Revista Rio, editada e dirigida por Roberto Marinho nos idos da década de 1950, que estampava suas capas com grandes artistas, como Di Cavalcanti e Roberto Burle Marx”.

A literatura também está presente. Seja através do quadro pintado por Clarice Lispector ou dos poemas que acompanham algumas obras. Entre eles, *Copacabana*, de Vinicius de Moraes; *Os inocentes do Leblon*, de Carlos Drummond de Andrade; *Noite carioca*, de Ana Cristina Cesar; e *Botafogo*, de Murilo Mendes. A crônica “*De Cascadura ao Garnier*”, escrita em 1922 por Lima Barreto, e o texto “*A alma encantadora das ruas*” (1908), de João do Rio, nos ajudam a compreender o espírito da cidade.

Entre outras curiosidades estão partituras de Heitor Villa-Lobos, croquis de Oscar Niemeyer, um autorretrato de Noel Rosa, de 1937, e fotografias de expoentes



Thiago Facina, *Escadas 06*, 2014

como Cartola, Chiquinha Gonzaga e Grande Otelo. Trabalhos do carioca Allan Weber, que resultam da pesquisa do artista sobre as lonas usadas nos bailes funks do Rio, expressam a força estética da cultura produzida na periferia. A seleção inclui, ainda, duas obras dos contemporâneos Marcos Chaves e Victor Arruda, criadas especialmente para a ocasião.

No núcleo “*Corpo*”, a curadoria reservou uma surpresa entre as pinturas e fotografias: uma TV exibe imagens do finado Canal 100, o cinejornal fundado em 1957 pelo produtor Carlos Niemeyer. Quem frequentou as salas de cinema cariocas entre as décadas de 1950 e 1980 sabe que, antes dos filmes, passava um cinejornal com visão documental, que apresentava imagens em câmera lenta dos principais jogos da rodada.

Como atividade paralela, uma mostra temática sobre o Rio está em cartaz tanto no cinema da Casa Roberto

Marinho quanto na plataforma Globoplay, aberta gratuitamente a não assinantes. Em clássicos como *Macunaíma*, de Joaquim Pedro de Andrade; *Terra em transe*, de Glauber Rocha; *Rio 40 graus*, de Nelson Pereira dos Santos; e *Central do Brasil*, de Walter Salles, são apresentadas diferentes perspectivas sobre a cidade.

Completa a exposição multimídia uma cronologia ilustrada por charges e publicações de jornais, que ocupa a última sala.

SERVIÇO

Rio: desejo de uma cidade | 1904-2024

Abertura: 11 de maio, das 12h às 18h

Encerramento: 21 de julho

Instituto Casa Roberto Marinho

Rua Cosme Velho, 1105, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3298-9449

Dias/Horários: terça a domingo, das 12h às 18h

(Aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto Marinho abre a área verde e a cafeteria a partir das 9h)

Ingressos à venda exclusivamente na bilheteria:

R\$ 10 (inteira) / R\$ 5 (meia entrada)

As quartas-feiras, a entrada é franca para todos os públicos.

Aos domingos, “ingresso família” a R\$ 10 para grupos de quatro pessoas.

A Casa Roberto Marinho respeita todas as gratuidades previstas por lei e é acessível a pessoas com deficiência física.

Estacionamento gratuito para visitantes, em frente ao local, com capacidade para 30 carros.

Carlos Vergara, *Poder*, 1972

